



Ateliê de História

Projeto

**Palavras - chave:**  
história, literatura, narrativa  
kunderiana.

**Resumo:** O propósito deste trabalho é realizar uma leitura de *O livro do riso e do esquecimento* (primeira parte), do escritor tcheco Milan Kundera, evidenciando como sua escrita ficcional, pela memória, se apropria da história a fim de construir um contexto significativo para testar as possibilidades de seus personagens (egos experimentais), a fim de proporcionar reflexões sobre a própria existência em sua(s) temporalidade(s).

## FRONTEIRAS E TERRITÓRIOS: A HISTORICIDADE DA RELAÇÃO ENTRE HOMENS E ANIMAIS AO SEGUIR O MATADOURO MUNICIPAL DE PONTA GROSSA

Lucas Erichsen da Rocha <sup>1</sup>  
Alessandra Izabel de Carvalho <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

No campo historiográfico, a História Ambiental é uma área extremamente nova. Antes disso, em meados do século XIX, já se falava de História Natural, mas não como concebemos hoje a História Ambiental, a saber, em articulação com o conceito antropológico de cultura. A emergência da História Ambiental nos remete à década de 1970, nos Estados Unidos com os estudos de Roderick Nash, autor de *Wilderness and The American Mind*, e na França com os historiadores ligados ao *Annales*, especialmente em torno da revista *Histoire et Environnement*, dedicada à história da relação do homem com o meio ambiente. Ambos os exemplos citados realizam suas primeiras pesquisas em sintonia com as manifestações populares (contracultura) de preocupação com o meio ambiente, com a crise dos principais paradigmas científicos, mudanças epistemologias e com a intensificação do debate político sobre as questões ecológicas. Atualmente, a produção em História Ambiental vem crescendo progressivamente e ganhando espaço cada vez mais maior em congressos, eventos, ou seja, no meio acadêmico. Direta ou indiretamente, essa dinâmica faz parte dos atuais operadores na construção da singularidade de cada habitante do mundo atual.

Fazer História Ambiental tem muito a ver com uma nova forma de promover estudos não só interdisciplinares, mas com um potencial como a proposta de religação dos saberes própria de uma epistemologia da complexidade (MORIN, 2002) que objetiva também (re) produzir um sentido para boa parte da produção científica e intelectual contemporânea. Uma nova epistemologia que a História Ambiental já se propõe a pensar marcada por três mudanças principais. As quais podemos enumerar da seguinte forma:

1) a ideia de que a ação humana pode produzir um impacto relevante sobre o mundo natural (...); 2) a revolução nos marcos cronológicos de compreensão do mundo; e 3) a visão de natureza como uma história, como um processo de construção e reconstrução ao longo do tempo. (Pádua, 2010, p. 83.)

São novas formas de representar o mundo, novas produções de sentidos identidades e subjetividades. Um contexto que demanda dos historiadores novos esforços no sentido de contribuir para repensar nossas relações com a natureza, a começar pelo questionamento das fronteiras entre os mundos natural e cultural, e conseqüentemente, produzir novos sentidos para uma aparente amalgama do pensamento atual.

A cidade de Ponta Grossa, situada na região dos Campos Gerais do Paraná, possui um histórico ambiental muito problemático, seja do ponto de vista do meio ambiente, do social ou do subjetivo, com discussões recorrentes.

<sup>1</sup> Mestrando em História (UEPG). Email: lucaserichsen@outlook.com

<sup>2</sup> Orientadora. Doutora em História (Unicamp). Professora do Depto. de História e Programa de Pós-Graduação de Mestrado em História – UEPG

tes em torno da construção de aterros; por possuir um parque denominado ambiental e cujo o discurso construído em torno do mesmo apresenta uma série de questões e mais recentemente a necessidade da construção de uma nova rota para automóveis em um dos principais espigões da cidade, cujo projeto não apresenta, ecológica ou mesmo de paisagismo ao colocar como primordial a necessidade da retirada de araucárias que possuem muitos anos e são tratadas como um símbolo da identidade do paranaense.

Tratar do matadouro municipal de Ponta Grossa e de seu deslocamento geográfico é reconhecer à emergência de forças de um mundo em que o atual discurso ecológico contemporâneo já inclui, como uma de seus principais problemas, o consumo de carne e sua relação com o impacto ambiental, a ética para com os animais e a distribuição de alimentos. *Essa emergência é, portanto, a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro.* (Foucault, 1979, p 16).

Pensar o matadouro e conseqüentemente a historicidade da relação humanos e animais não-humanos é também uma forma de pensar os mundos natural e cultural. Assim temos uma nova diretriz em como fazer história ambiental, produzir sentidos e um espaço interdisciplinar não somente com a geografia física, mas se possível e de acordo com a proposta do pesquisador, diálogo com a ecologia, sociologia, antropologia, zooantropologia, ética, religião, filosofia, ciência da alimentação, medicina, biologia e outros saberes.

## Objetivos

### Objetivo geral

Analisar historicamente, das perspectivas da História Ambiental e da História Cultural, a problematização das relações entre o animal e o humano partindo do acontecimento do Matadouro Municipal de Ponta Grossa durante o final da década de 1930.

### Objetivos específicos

Situar historicamente as práticas e representações em torno do Matadouro Municipal de Ponta Grossa no final da década de 1930.

Contribuir para a escrita da história trazendo uma nova perspectiva de estudos historiográficos que é relacionada ao espaço do matadouro.

Pensar interdisciplinarmente partindo da História Ambiental, produzir sentido sobre a historici-

dade dos matadouros e da relação de humanos e animais não-humanos.

## Metodologia

Em *O Homem e o Mundo Natural*, Keith Thomas apresenta um grande trabalho historiográfico em torno do homem e suas relações com o mundo animal e vegetal durante o século XVI até o XIX. Essas relações ocorrem nas esferas do social, do cultural, e, evidentemente, do ambiental. Mesmo sendo um livro que busca tratar da Europa durante os anos iniciais do que podemos chamar de modernidade, é essencial para qualquer projeto que hoje busque produzir trabalhos em história ambiental. Sua leitura nos apresenta a diversidade de fontes que são apresentadas pelo autor e que acabam sendo descritas como documentos oficiais, relatos de viajantes, contos populares, atividades escolares e poesias que tratam das relações que havia entre os humanos do período e os seres animais e vegetais. É partindo do livro em questão que concebemos as proposições para a metodologia do trabalho. A primeira delas é possível situar-se em um contexto histórico que Thomas já se referiu como sendo “*a mais importante revolução na sensibilidade desde a segunda guerra mundial*”. (THOMAS, 2010, p. 18) A segunda proposição é empírica e consiste no levantamento de fontes escritas e visuais.

Seguindo uma parte da linha metodológica apresentada por José Augusto Drummond no artigo *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*, um primeiro movimento consiste em articular a história ambiental com a escala da história regional:

Por vezes se dá um recorte cultural ou político à região estudada, mas sem esquecer as suas particularidades físicas e ecológicas: um parque nacional, a área de influência de uma obra (ferrovia, projetos de irrigação, represas etc.), as terras de povos nativos invadidas por imigrantes europeus etc. (...) a história ambiental revela ligação também com a história regional. (DRUMMOND: 1991, p. 181)

O matadouro está localizado na região do bairro San Martin na cidade de Ponta Grossa e fica localizado ao lado de um rio chamado de *Rio Verde*, um espaço geofísico e que faz parte da história regional da cidade de Ponta Grossa, do discurso modernizador que até hoje é tão presente na cidade e da região dos campos gerais.

Quanto ao trabalho de levantamento de fontes primárias, a documentação da pesquisa baseia-

se em fontes escritas e imagéticas (fotografias). As fontes escritas compreendem as publicações oficiais referentes ao governo que deslocou o atual matadouro municipal no final da década de 1930, códigos de postura para o cidadão ponta-grossense que contém informações sobre os procedimentos de abate dos animais e comercialização da carne, e publicações de jornais que fazem referência ao governo que construiu o matadouro em questão. Ainda sobre essas fontes, será realizada uma busca nos arquivos da Câmara Municipal e que contenham informações referentes às questões que vieram a tornar-se um problema na administração do matadouro e que, posteriormente, levaram ao deslocamento do mesmo da região central para a atual região de Uvaranas.

Para além de um caráter meramente ilustrativo, as fotografias externas e internas do matadouro (das

quais reproduzimos duas no corpo deste projeto) contêm informações preciosas sobre processos de abate, transporte e comercialização, etc. A fotografia tem toda uma importância como marca cultural de uma época, *“não só pelo passado ao qual ela nos remete, mas também, e principalmente, pelo passado que ela traz à tona.”* (MAUAD; CARDOSO, 1997, p. 46) Com efeito, a riqueza das informações que podemos obter por meio de uma fotografia é incomparável à do texto escrito, pois nenhuma descrição, por mais minuciosa que fosse, daria conta de nos fazer entender detalhes da vida material e cultural de um outro tempo. Nesse sentido, a fotografia revela aspectos diversos de uma época: a arquitetura, a vestimenta, as formas de trabalho, os locais de produção, instalações diversas, etc.

Conforme figuras:



Fonte: Acervo Iconográfico do Museu dos Campos Gerais, contidas no *Álbum de Ponta Grossa*, uma publicação realizada durante os primeiros anos da gestão do prefeito Albary Guimarães.

Analisando a produção bibliográfica constitutiva do campo historiográfico, juntamente com as fontes primárias, será possível pensar o que levou ao deslocamento do matadouro, os discursos que envolveram a esse ocorrido e quais as questões que são levantadas ao estudarmos um matadouro e reconhecendo as relações que nele se desenvolvem.

A metodologia do projeto supõe o levantamento de fontes escritas, e imagéticas que permita articular a história ambiental, a história cultural, como também as “três ecologias” de Félix Guattari. Em relação a este último, teremos também um dos principais instrumentos teóricos a serem utilizados no desenvolvimento desta pesquisa. No que concerne à primeira das ecologias temos a ecologia mental que está relacionada de duas formas em todo o projeto; a primeira corresponde a um projeto que visa des-

de o seu início uma nova forma de relação do seu autor com a área do conhecimento a ser explorada, produção de sentidos e novas diretrizes epistemológicas.

Ainda sobre a ecologia mental ou das subjetividades, a produção dos sentidos está intimamente ligada à criação de territórios existenciais. Várias maneiras de existir se instauram fora da consciência.

Essas novas práticas e relações dos sujeitos com o mundo acabam por direcionar forças produtivas que invariavelmente conduzirão a repensar as atitudes das outras duas ecologias, a social e a do meio ambiente. No decorrer da pesquisa, essas questões serão nossas diretrizes, mas não se pode esquecer que essa reinvenção não acontece simplesmente com entrevistas, pesquisa por fontes e, por fim, a redação de uma dissertação. Invariavelmente, toda



a metodologia também irá sendo constantemente repensada conforme sejam necessárias novas articulações entre a ecologia social e a do meio ambiente.

No decorrer da pesquisa, a produção dos sentidos será entendida também como uma ação do conhecer em relação com as fontes, do reconhecimento da historicidade da relação entre espécies e dos discursos que passam por essas questões. E conhecer é uma capacidade de fazer surgir novos mundos. Mundos de ideias para a História e seus desdobramentos. Sobre isso, destaco o seguinte trecho:

(...) esse fazer surgir se manifesta em todas as nossas ações e em todo o nosso ser. Não há dúvida de que ele se manifesta em todas as ações da vida social humana nas quais costuma ser evidente, como no caso dos valores e suas preferências. Não há descontinuidade entre o social, o humano e suas raízes biológicas. (MATURANA e VARELA, 2010, p. 33).

Essa concepção orientará todos os passos metodológicos da pesquisa, seja a coleta de outras evidências, seja durante a análise das mesmas, seja ainda durante a escrita da dissertação. Sempre será levada em consideração a integração interdisciplinar que ocorre na produção de sentido, uma não descontinuidade entre as representações sobre o mundo. Somos levados com essas perspectivas a uma história que *dividira nossos sentimentos; dramatizara nossos instintos, multiplicara nosso corpo e o oporá a si mesmo*. (Foucault, 1979, p. 18).

A Biologia por muito tempo estagnou na definição do que é um ser vivo; no que concerne à História, o homem e as suas mais variadas relações temporais, além de sempre ter sido entendido como um ser vivo, foi o principal “objeto” dessa área das ciências humanas, seja enquanto produtor de sua própria história, seja daqueles que produzem a história acadêmica. A História sempre tratou de um ser que era extremamente incerto sob o ponto de vista de outras áreas do conhecimento; não que isso desqualifique toda a produção histórica já realizada e a realizar, mas, do ponto de vista que aqui adotamos, as opções de pensar o mundo se ampliam, seja em relação à cultura, à natureza, ao homem, ao animal, a história, etc.,

Os historiadores e os professores/pesquisadores são produtos e produtores da História, o que já se sabe principalmente dentro da própria academia. O método desse projeto e a execução dessa pesquisa têm em sua escrita a historicidade do historiador, pesquisa relacionada com a produção de sentidos,

as três ecologias, a historicidade e com respeito às formas de se escrever a história.

Ainda se tratando da metodologia do trabalho, temos a potencialidade da pesquisa relacionado com a pouca produção historiográfica relacionada ao tema matadouro e os problemas que essa questão pode apresentar. Um projeto de escrita na história que se propõe a tratar de uma *historicidade da morte animal e dos matadouros e suas inscrições na cultura, (...) pensar uma rearticulação formal que remete, (...) a uma sensibilidade nova em torno do vivente e de suas políticas, e que é compartilhada com outros projetos de escrita em curso*. (Giorgi, 2011, Pág. 204-205). A potencialidade do trabalho aqui apresentado é também a sua principal resistência, pois será necessário *retirar das sombras do campo não-acontecimental, acontecimentos que, por uma ou outra razão, não foram prodigalizados pela tradição historiográfica*. (CARDOSO, 2003, Pág. 48). Nosso acontecimento é o matadouro e suas potenciais questões..

A história produz sentidos com um trabalho escrito, na materialidade da linguagem, o que acaba por se tratar também de uma questão metodológica. Aqui nos deparamos com mais uma das formas de abordar o humano, o animal e as fronteiras que supostamente os separam. Suscitando a questão da escrita e da linguagem, vale destacar o livro, *O animal que logo sou (A seguir)*, onde Jacques Derrida fala ainda mais da proximidade que temos com o animal, de estar e de estar a seguir, sempre a seguir:

Estar depois, estar junto, estar perto de, eis, aparentemente, diferentes modalidades do estar, em verdade do estar-com. Com o animal. (...) O estar-com-ele enquanto estar-perto-dele? Estar-junto-dele? Estar-depois-dele? Estar-atrás-dele no sentido da caça, do adestramento, do domar ou estar-atrás-dele no sentido da sucessão e da herança? (DERRIDA, 2002, p. 27-28)

Esse *estar* constante com o animal sempre esteve presente na relação do homem com o mundo e sem dúvida em toda a escrita da História. Sendo no que concernia à História Social, Cultural, do Imaginário, das Sensibilidade e em nosso caso em novas formas da produção de sentidos, no entendimento dos discursos que tencionam as relação de humanos e animais não-humanos.

As interações já não podem ser pensadas sob um ponto de vista isolado, através de apenas uma área do conhecimento, ou sob estruturas individuais e sem a mínima interação como há muito tempo se pensa natureza e cultura. Guattarri nos ajuda a pensar esse ponto:

Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais. (GUATTARI, 2008, p. 25).

Utilizando-se de termos da História, podemos dizer sem sombra de dúvidas que temos um contexto histórico onde o mundo e todas as formas de vida que habitam sua superfície se encontram em risco. A História Ambiental, que além da sua metodologia estabelece diálogos com áreas diferenciadas para a produção histórica; e a História Cultural, que quando se coloca a pensar os discursos e a produção dos sentidos caminha na mesma direção da abertura, ambas abrem portas para um pensar transversal, novo e efetivo.

Após o trabalho de levantamento de fontes, das leituras e para construir uma narrativa a partir do acontecimento do matadouro que vai tratar da não escrita dos matadouros na história e dos discursos relacionados ao deslocamento geográfico do matadouro temos as implicações de trazer a tona essas questões. Relacionamos isso as fronteiras entre espécies, fronteiras construídas com um discurso que segregou o animal das mais diversas formas, e isso desde o período moderno, como bem aponta Keith Thomas quando, apresenta questões relevantes para se pensar atualmente essa problemática (embora já não sejam as únicas):

Na Inglaterra do princípio da era moderna, o valor oficialmente atribuído aos animais era negativo, ajudando a definir por contraste, o que supostamente distinguia ou exaltava a espécie humana. (...) “O sentido de ordem”, foi dito corretamente, “somente podia ser apreendido pela exploração de sua antítese ou “contrário”. (THOMAS, 2010, p. 54)

Todo esse trabalho terá como um de seus principais fios condutores as fontes levantadas, a metodologia histórica desenvolvida com o diálogo interdisciplinar da História Ambiental. A escrita desse tipo de história é uma forma de reaproximar as fronteiras e trazer o animal de volta para a História, e dessa vez não só como uma série de dados quantitativos, comerciais e “coisificados”. A *Declaração de Consciência* apresentada pela universidade de Cambridge, em julho de 2012, fala sobre resultados de pesquisas que verificaram a geração e estímulos a comportamentos emocionais nas mesmas áreas cerebrais de humanos e animais não-humanos. As fronteiras parecem cada vez mais difíceis de serem mantidas, e muitas áreas do conhecimento já estão pensando sobre o que é o animal e sobre o que é o

homem. A História não pode deixar de lado essas questões, e sim começar a pensá-las. O filósofo Jacques Derrida aponta para esses problemas:

Quais as implicações dessas questões? Não é necessário ser um especialista para prever que elas engajam um pensamento do que quer dizer viver, falar, morrer, ser e mundo como ser-no-mundo ou como ser-ao-mundo, ou ser-com, ser-adiante, ser-atrás, ser-depois, ser e seguir, ser seguido ou estar seguindo, lá onde eu estou, de uma maneira ou de, mas irrecusavelmente, perto do que chamam o animal. É muito tarde para negá-lo, ele terá estado aí antes de mim, que estou depois dele. (DERRIDA, 2002. p. 28-29)

É um processo difícil, trata-se de (re) conhecer como nos conhecemos, repensar como nos pensamos, desenvolver novas relações com o mundo natural e cultural, com a escrita da História, repensando os modos históricos como nos relacionamos com o mundo e com uma forma de animais não-humanos. Um dos principais desafios teóricos e metodológicos dessa pesquisa será o de conceber, praticar e escrever um tipo de história que seja adequada à complexidade dessas questões e que estão imersas e fazem parte de novas produções de sentidos.

### Fontes Primárias

GUIMARÃES, Albari. **10 anos de governo**. À guisa de prestação de contas ao contribuinte e à população em geral. 18 de Agosto de 1934 a 18 de Agosto de 1944. Ponta Grossa: Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, 1944.

Prefeitura municipal de Ponta Grossa. **Código de Posturas**, 1939.

### Fontes imagéticas

Imagens do acervo Iconográfico do Museu dos Campos Gerais, décadas de 1936 a 1950, relacionadas ao Matadouro Municipal, contidas no *Álbum de Ponta Grossa*, uma publicação realizada durante os primeiros anos da gestão do prefeito Albary Guimarães.

Imagens do acervo da Casa da Memória, de datação mais recente, e que incluem fotografias da fachada, da lateral e de uma seção interna. Todas referentes a um período posterior a 1950 e anterior ao ano de 2009.

## Referências:

- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, abr. 1991, vol.5, n.11, p.173-191.
- DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou (A seguir)**. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GIORGI, Gabriel. A vida imprópria. Histórias de Matadouros. In: Maciel, Maria, Esther. **Pensar/escrever o animal : ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 199-220.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 19ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- JUNIOR, Hélio Rebello Cardoso. **Enredos de Clío: pensar e escrever a história com Paul Veyne**. São Paulo: Editora UNESP, 2003. 214 p.
- MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. 8ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- MORIN, Edgar (Dir.). **A religação dos saberes: O desafio do século XXI**. 2ª ed. Tradução e notas de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- REVEL, Jacques. **Proposições**: ensaios de história e historiografia. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.
- SERRES, Michel. **O contrato natural**. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AGUIAR, José Otávio; DUARTE FILHO, Francisco Henrique; ANDRADE, Rodrigo Ribeiro de. Reflexões sobre a crise ambiental e o histórico emergir das sensibilidades para com os direitos dos animais nas ciências humanas e nas ciências da vida. **Revista Crítica Histórica**. Alagoas, Ano II, n. 4, dez. 2011. Disponível em: <[http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/index.php?option=com\\_content&view=article&id=111:reflexoes-sobre-a-crise-ambiental-e-o-historico-emergir-das-sensibilidades-para-com-os-direitos-dos-animais-nas-ciencias-humanas-e-nas-ciencias-da-vida&catid=64:dossie-ambiental&Itemid=60](http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/index.php?option=com_content&view=article&id=111:reflexoes-sobre-a-crise-ambiental-e-o-historico-emergir-das-sensibilidades-para-com-os-direitos-dos-animais-nas-ciencias-humanas-e-nas-ciencias-da-vida&catid=64:dossie-ambiental&Itemid=60)>. Acesso em: 10 Jul. 2012.
- BARRAQUI, Douglas. **Por uma História Ambiental - a natureza de volta aos braços do homem** – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/historia/por-uma-historia-ambiental:-a-natureza-de-volta-aos-bracos-do-homem-8201/artigo/>>. Acesso em: 13 Ago. 2012.
- DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991.
- WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 1991.
- TUGNOLI, Claudio. **Pós-humanismo. O ser humano e o animal se hospedam um ao outro**. Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=496&secao=200](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=496&secao=200)>. Acesso em: 25 de jul. 2012.
- THE Cambridge Declaration on Consciousness. Disponível em: <<http://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf>>. Acesso em: 10 Jul. 2012.